

PLANTA VIVA, GENTE VIVA



SEMPRE-VIVAS

Uma publicação



INSTITUTO TERRA BRASILIS DE
DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AMBEINTAL

Rua Grão Mogol 678
Bairro Sion
30310-010 Belo Horizonte MG
Tel: (++55 31) 282-8287 Fax: (++55 31) 282-8296
e-mail: itb@terrabrasilis.org.br

Diretoria
Sônia Elias Rigueira, Presidente
Luís Beethoven Piló, Vice-presidente

Equipe Técnica
Angela Christina Ferreira Lara
Lucas dos Santos Roque
Maria Auxiliadora Drumond
Patrícia Souza Lima

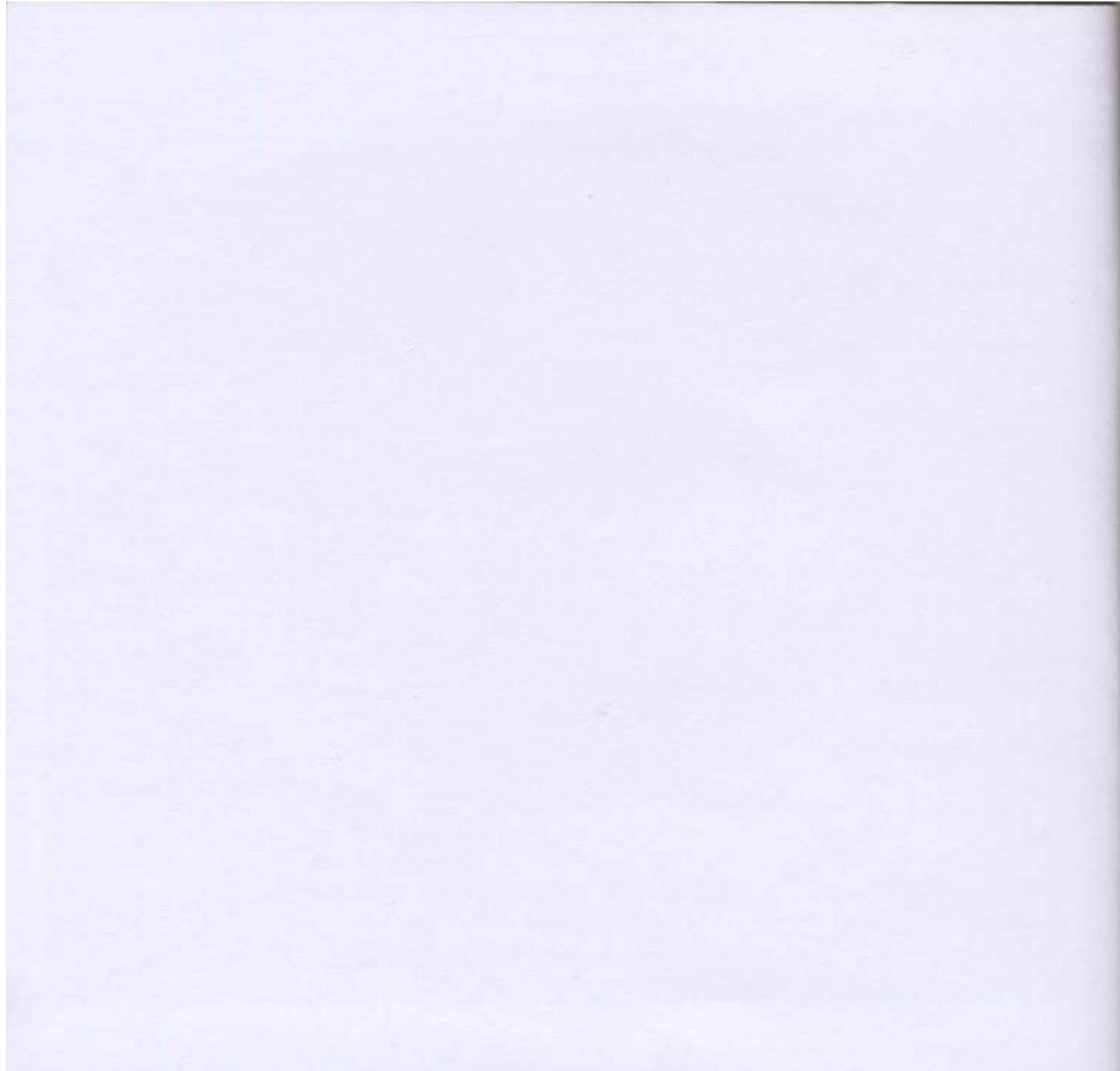
O **Instituto Terra Brasilis** é uma entidade não governamental, sem fins lucrativos, criada com o objetivo de promover a conservação da natureza e o desenvolvimento social, através da concepção, gestão, coordenação, promoção ou patrocínio de atividades que busquem conciliar a conservação dos recursos naturais com o desenvolvimento econômico-social nos diversos ecossistemas brasileiros.

Objetivando angariar recursos para a realização de seus fins básicos, o Instituto Terra Brasilis pode prestar serviços, firmar convênios ou parcerias com entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras, e exercer quaisquer atividades coerentes com seus objetivos.

PLANTA VIVA, GENTE VIVA

SEMPRE-VIVAS

TERRA BRASILIS
1999



PLANTA VIVA, GENTE VIVA



SEMPRE-VIVAS

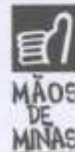
REALIZAÇÃO

TERRA



BRASILIS

PARCERIAS





FICHA TÉCNICA

Texto

Angela Christina Ferreira Lara
Lucas dos Santos Roque
Maria Auxiliadora Drumond
Sônia Elias Rigueira

Desenhos

Comunidade de Galheiros, Diamantina-MG

Fotos

Cuia Guimarães/Terra Brasilis

Projeto Gráfico

DPI Design / W3Executiva

Produção Gráfica

Kika Godinho

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca do
Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais

LARA, Angela Christina et all.

Sempre-vivas; planta viva, gente viva. Belo Horizonte:
Terra Brasilis, 1999.

24 p. Ilust.

1. Sempre-vivas - Comércio
2. Sempre-vivas - História
3. Sempre-vivas - Extrativismo

CDU: 6359 8151

© 1999 Instituto Terra Brasilis
Impresso no Brasil

Agradecimentos

às comunidades do município de Diamantina (Distrito-sede, Batatal, Galheiros, Guinda, Inhaí, Mendanha, São João da Chapada e Sopa);

aos funcionários do Parque Estadual do Rio Preto, São Gonçalo do Rio Preto, pelo apoio na coleta de dados sobre sempre-vivas;

aos pesquisadores do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo que nos auxiliaram na identificação das espécies de sempre-vivas;

à Associação Comunitária de Galheiros, por todo apoio e participação durante as atividades desenvolvidas na comunidade de Galheiros, Diamantina;

à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, EMATER-MG, pelo apoio e participação durante as atividades desenvolvidas na comunidade de Galheiros, Diamantina;

a todos aqueles a quem tantas vezes recorreremos em busca de dados, entrevistas, amostras de plantas, testemunhos etc., e que conosco compartilharam esse trabalho.







Este livro foi feito para que nós, do Projeto Sempre-vivas, pudéssemos mostrar um pouco do que aprendemos com os apanhadores e os comerciantes de sempre-vivas e muitas outras pessoas que tivemos o prazer de conhecer na região de Diamantina, a quem dedicamos este trabalho. Ele também traz resultados dos estudos que temos feito sobre essas flores e seu comércio. Esperamos que vocês aproveitem a leitura.



PROJETO SEMPRE-VIVAS

Nos campos da região de Diamantina, em Minas Gerais, floresce grande quantidade de plantas que têm alto valor comercial porque se conservam bonitas por muito tempo, como se estivessem vivas, mesmo depois de apanhadas e secas. Por isso são chamadas de sempre-vivas. A maioria dessas plantas é vendida para fora do Brasil, onde são utilizadas para a confecção de arranjos e outros enfeites. A atividade de coleta e comercialização de sempre-vivas vem sendo ameaçada pela diminuição das plantas no campo e pelas dificuldades econômicas que os apanhadores e comerciantes da região têm passado.

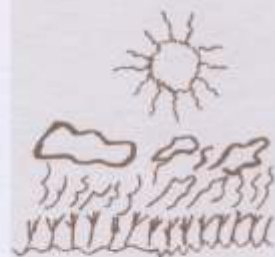
Começamos o nosso trabalho, em abril de 1998, conversando com muitas pessoas em Diamantina e em algumas comunidades da região como Batatal, Galheiros, Guinda, Inhaí, Mendanha, São João da Chapada e Sopa, onde a atividade de coleta e comercialização de sempre-vivas é muito importante. Visitamos grandes e pequenos galpões de beneficiamento e estocagem de sempre-vivas na região de Diamantina e fora dela. Queríamos saber como funciona esse comércio e entender melhor sobre a apanha das flores, botões e outros produtos do campo, como folhas, frutos e sementes, que também são comercializados. Essas pessoas nos deram informações muito valiosas. Ouvimos a história da comercialização das sempre-vivas desde a década de 30; os apanhadores nos levaram aos campos, onde vimos muitas mercadorias, aprendemos sobre o dia-a-dia da apanha e conhecemos ranchos que são usados na época da apanha das flores; visitamos dois plantios, um em atividade e outro já abandonado; alguns técnicos do projeto estudaram como as sempre-vivas vivem nos campos, para ajudar a entender as causas da sua diminuição.

Mas o nosso objetivo não era somente pesquisar e conhecer a situação. Queríamos

O objetivo do Projeto é encontrar saídas para o problema da diminuição das sempre-vivas e da baixa renda de algumas pessoas que trabalham na atividade de apanha e comercialização.

trabalhar junto com as comunidades na busca de soluções para algumas de suas dificuldades. Para isso, era preciso conhecer bem cada uma delas. Começamos a trabalhar com Galheiros, uma comunidade que fica bem perto de Diamantina, onde quase todos vivem do trabalho com as flores. Juntos, discutimos vários assuntos, como o da apanha e da comercialização de produtos do campo. Desse trabalho, surgiram boas idéias que ajudaram a traçar um plano para resolver os problemas mais sérios.

Nossa idéia é continuar trabalhando com outras comunidades apanhadoras para que as pessoas se reunam e discutam sobre seus problemas, e cada comunidade se fortaleça e se organize para resolvê-los.



31 de Agosto 44

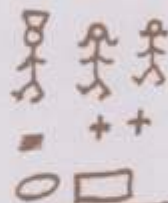
	DEBITO	CREDITO
Pago por:		
Frete mercadoria	14,00	
Virio	187,00	
Slor	10,00	
		211,00
Entregue ao Caixa		605,00
		<hr/> 816,00
<hr/> 19 Janeiro 945		
Pago por:		
Quiz Libano	10,00	

SEMPRE-VIVA: UM POUCO DE HISTÓRIA

○ comércio de sempre-vivas começou em Diamantina, por volta de 1930, quando um comerciante, voltando de uma de suas caçadas, trouxe para casa um buquê dessas flores. Sua mulher as colocou em vasos, enfeitando a casa para receber um comerciante, vindo de São Paulo, com quem tinham negócios. O visitante gostou tanto das flores que quis levar um buquê para sua esposa. A pequena flor agradou a outras pessoas, que começaram a fazer pedidos. Assim, os dois, que já eram parceiros no comércio, decidiram ganhar dinheiro com a venda das sempre-vivas. Os pedidos de São Paulo para Diamantina foram crescendo cada vez mais e logo as flores começaram a ser exportadas. Com o passar do tempo, o negócio foi ficando tão bom que outros comerciantes também entraram no ramo.

Desde o início, os apanhadores eram os moradores das comunidades ao redor de Diamantina, onde existem os campos nativos de sempre-vivas. As primeiras espécies de sempre-vivas apanhadas foram a pé-de-ouro e a vargeira. Alguns moradores mais antigos nos disseram que podiam avistar os campos floridos das janelas de suas casas, em Diamantina. Com o passar do tempo, essas áreas mais próximas iam, ano a ano, produzindo menos flores e os apanhadores tinham que se deslocar cada vez para mais longe.

Até mais ou menos 1970, as pessoas podiam apanhar sempre-vivas livremente nos campos, mesmo que eles tivessem dono. Nessa década, o preço da flor era bom e os pedidos eram muitos. Então, o comércio passou a ter tanta importância que os melhores campos começaram a ser fechados pelos seus donos que implantaram o sistema de "meia" ou arrendamento, ou seja: parte das flores coletadas pelos apanhadores ficava com os proprietários dos campos ou os apanhadores pagavam pelo uso da área. Isso mudou muito a maneira de se trabalhar na apanha porque



1958

pppppppp

O comércio de sempre-vivas em Diamantina começou por volta de 1930 e teve seu período mais forte em meados da década de setenta.



poucos conseguiam as melhores áreas e, aqueles campos que continuavam livres, acabaram sendo usados por um número muito maior de pessoas.

Outra mudança que ocorreu com o fortalecimento do comércio foi que cada vez mais pessoas passaram a apanhar flores, principalmente nos campos livres. Com isso, a quantidade da flor foi diminuindo...

Nessa época, começou a venda de outras espécies de sempre-vivas, como a mini-saia, os botões e outros produtos do campo, mas o preço pago por essas mercadorias sempre foi menor do que o da pé-de-ouro e da vargeira. Também começou a crescer o comércio da flor de má qualidade, chamada de flor-de-segunda, de preço mais baixo no mercado.

Esse aumento no comércio foi realmente importante para a atividade. Nesse período, surgiram as primeiras experiências de plantio de sempre-vivas, pois alguns comerciantes queriam ter garantia de flores de boa qualidade e em grande quantidade. Mas parece que não é fácil plantar sempre-vivas porque a maioria dos plantios daquela época não foi para frente.





A SITUAÇÃO HOJE

Nos dias de hoje, o comércio diminuiu muito. Como antigamente, os compradores ainda decidem o que vai ser apanhado nos campos e quanto se deve pagar por cada produto. Para as sempre-vivas de maior valor no mercado, nunca faltou pedido. Mas, para outros produtos, nem sempre existe mercado.

Apesar da quantidade de flores no campo estar ficando cada vez menor, o número de pessoas que vivem da apanha só aumenta. O problema fica mais sério quando sabemos que outras fontes de renda tradicionais da região estão diminuindo, como o garimpo de diamantes e cristais. Com a diminuição do comércio de flores e também de outras atividades econômicas, os apanhadores têm cada vez menos dinheiro para viver e muita gente já está indo embora para arrumar outro tipo de trabalho. Mas ninguém quer isso.



Os produtos não são de primeira necessidade e duram muito



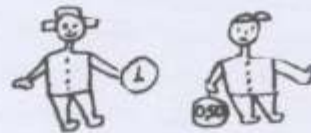
DIMINUIÇÃO
DO
COMERCIO



Pode sobrar flor no estoque



Pode até sobrar flor no campo



O preço da flor diminui cada vez mais



Cada vez podemos comprar menos coisas



Muita gente já está até indo embora para arrumar outro trabalho

Desenhado pelas mulheres da
Comunidade de Galheiros
Cópia: M.A. Drumond

Para a diminuição das flores nos campos, os apanhadores citam várias causas:

O grande número de pessoas vivendo da apanha piora ainda mais a situação

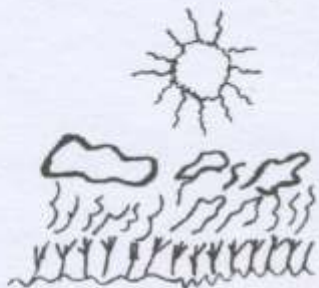


porque as flores são coletadas antes de soltarem sementes e com a sapata (quer dizer, a planta inteira com raiz)

DIMINUIÇÃO DA FLOR



O pisoteio e a urina do gado também matam as flores



Outro motivo das flores diminuírem é o fogo colocado nos campos na época errada



A diminuição das chuvas, de uns tempos prá cá, prejudica as flores

Desenhado pelas mulheres da Comunidade de Galheiros
Cópia: M.A. Drumond

Tudo isso faz com que a quantidade de sempre-vivas diminua muito nos campos. Como algumas espécies de plantas só ocorrem na região de Diamantina, corre-se o risco delas desaparecerem para sempre. Isso quer dizer que é preciso buscar soluções para que as sempre-vivas continuem a existir e para que os apanhadores tenham seu sustento garantido. Se as plantas correm o risco de acabar, o comércio também passa pelo mesmo problema.

Durante nosso trabalho, ouvimos muitas pessoas dizerem que, para que fosse evitada a diminuição da quantidade de flores nos campos, a apanha deveria ser feita de outras maneiras. Por exemplo, deveriam ser deixadas umas flores no campo para espalhar sementes, e na hora de puxar as flores, ter cuidado para não arrancar a planta toda. Mas isso é difícil, porque o número de pessoas que vive da atividade faz com que a concorrência pelos produtos no campo seja enorme. Se somente alguns fizerem da maneira certa não vai adiantar nada para as plantas. É preciso que cada apanhador faça a sua parte. Assim todos vão sair ganhando.



Seria bom deixar um pouco de flor no campo para soltar sementes



Se apanhar as flores com cuidado elas podem não soltar a semente



Se deixasse a pé-de-ouro amadurecer no campo, brotaria uma outra planta na cabecinha da flor.



Algumas espécies de sempre-vivas e botões estão ameaçados de extinção: correndo perigo de acabarem-se para sempre.



VIDA DE APANHADOR NÃO É BRINCADEIRA

Quem trabalha na apanha enfrenta grandes dificuldades. Tanto homens quanto mulheres saem muito cedo para o campo e as crianças maiores acompanham os grupos. Antigamente, as flores eram encontradas bem perto dos povoados e das cidades, mas, aí, estas plantas já não existem mais. Não tem mais campos por perto com muita flor. Hoje o apanhador tem que andar grandes distâncias para achar as mercadorias. Depois da apanha, carregam muito peso até chegar em casa, ao final do dia. Além de trabalhar o dia todo, as mulheres ainda fazem todos os trabalhos domésticos. A apanha de produtos da serra, como a capa de coco, é mais difícil porque esses produtos quase sempre estão em lugares com muitas pedras e, como algumas delas estão soltas, há casos de acidentes graves.

Na época de floração da pé-de-ouro e da vargeira, em abril e maio, muitas pessoas arrancham perto dos campos, dormindo em pequenos ranchos ou debaixo de lapas. Isso acontece quando o campo é muito distante e não dá para ir e voltar no mesmo dia ou, então, quando é campo arrendado. O pessoal também arrancha para apanhar outros produtos como a jazida de agosto e a flor de janeiro. Geralmente, eles acabam ficando mais de um mês nos ranchos. Quem arrenda um campo tem que vigiar, pois outras pessoas não contratadas podem querer invadir para apanhar a flor.

Com tudo que íamos vendo e ouvindo, fomos percebendo que alguma coisa precisava ser feita. E, conhecendo melhor a força e a sabedoria dessas pessoas, tivemos ainda mais certeza de que grandes soluções poderiam ser encontradas pelas próprias comunidades.



Os apanhadores andam grandes distâncias para encontrar os campos de sempre-vivas que antes ficavam mais próximos de suas casas.



O TRABALHO EM GALHEIROS

Começamos a trabalhar junto com a comunidade de Galheiros e convidamos o IEF-MG e a EMATER-MG a participarem dessa etapa. Várias reuniões foram feitas, com o apoio da Associação Comunitária de Galheiros. Homens e mulheres participaram e tiveram tempo de conversar e refletir sobre a vida na comunidade, os problemas de renda e outros que também fazem parte do seu dia-a-dia, como o da lavoura, do abastecimento de água, da saúde, da educação e do transporte público. Nas nossas conversas, as soluções foram aparecendo.

Mas, era preciso fazer um plano para colocar as soluções em prática. Como a comunidade já sabia o que queria, fizemos uma reunião para planejarmos, juntos, o que se podia fazer. Nessa reunião estavam presentes a comunidade, representantes do Projeto Sempre-vivas, da Associação Comunitária de Galheiros, do IEF-MG, da EMATER-MG e de instituições que a comunidade convidou: Prefeitura Municipal de Diamantina, Secretaria Municipal de Saúde, o delegado local do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e um exportador de sempre-vivas. Cada grupo presente participou falando sobre os problemas e as soluções que podiam dar certo. Decidimos, juntos, para cada problema que apareceu, o que precisava ser feito, quem iria fazer, como e quando faria. Montamos o "Plano de Ações da Comunidade de Galheiros". Cada instituição presente nessa reunião se comprometeu a ajudar no que fosse possível, de acordo com a capacidade de cada uma delas.

PLANTANDO PARA COLHER

Um assunto que surgiu no planejamento foi o do plantio de sempre-vivas. Ficou acertado que, no Projeto Sempre-vivas, iríamos procurar a melhor forma para se fazer um plantio, e se for viável, poderá ser comunitário, como a comunidade de Galheiros sugeriu. Esta parece ser uma boa forma de se manter o comércio, além de facilitar o trabalho dos apanhadores e ajudar a conservar as flores que nascem naturalmente nos campos.

ARTESANATO: UMA IDÉIA SEMPRE VIVA

Uma das soluções encontradas pela comunidade de Galheiros, para o problema da baixa renda, foi fazer artesanato com produtos da apanha na própria comunidade. Mas como as pessoas da comunidade não estão acostumadas a fazer trabalhos manuais, era preciso um treinamento. A comunidade também decidiu que queria se organizar para que os lucros e os deveres do trabalho com o artesanato fossem distribuídos de maneira igual para todos.

Ficou acertado que uma pessoa do Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor iria até Galheiros para ajudar a montar uma associação ou uma cooperativa. Iria, também, uma pessoa da Central Mãos de Minas para começar, junto com a comunidade, um trabalho de artesanato, na oficina construída pela própria comunidade. O Instituto Terra Brasilis acompanharia todo este trabalho e continuaria coordenando as ações do Projeto Sempre-vivas.





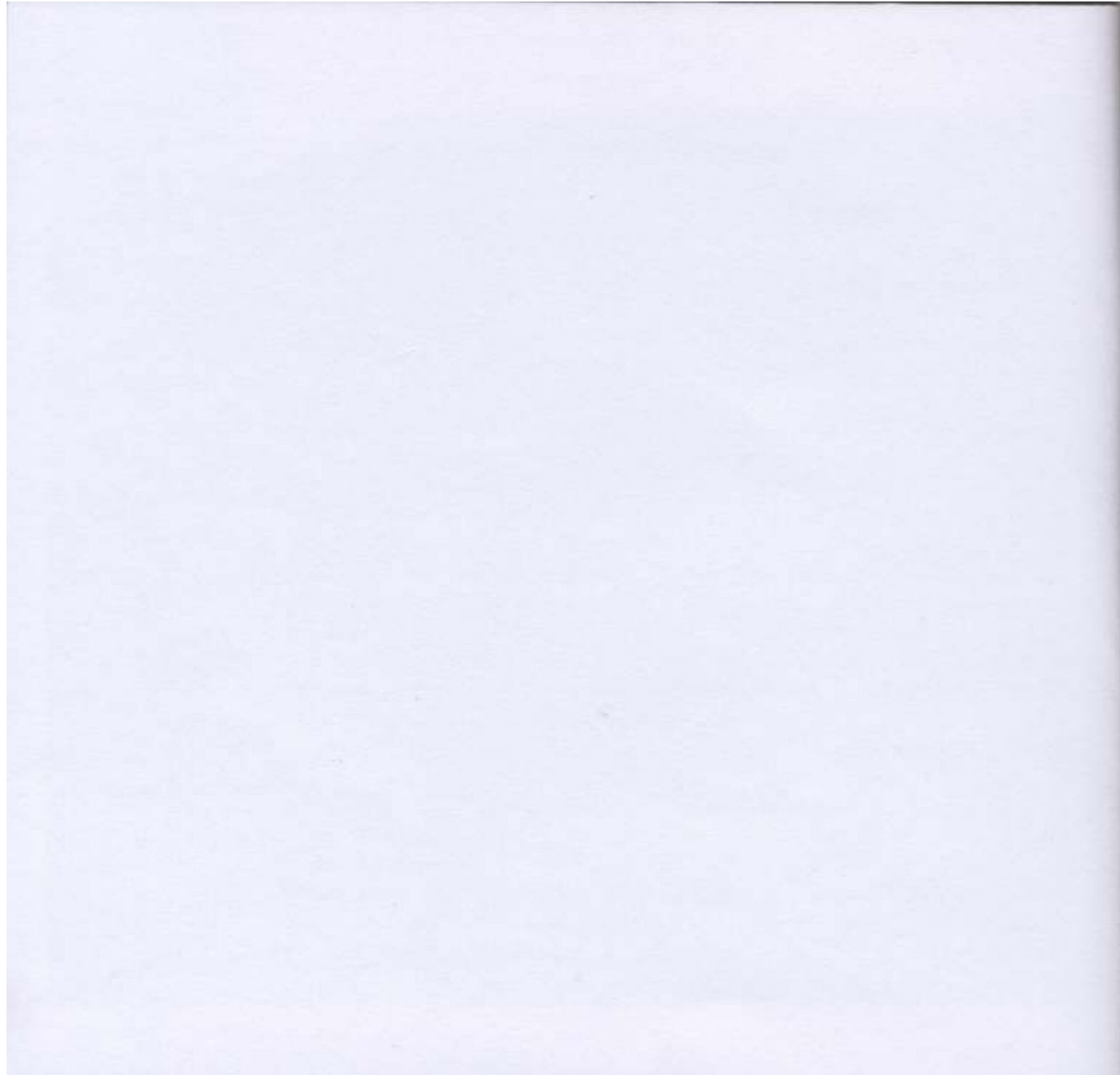
RESPEITO À NATUREZA

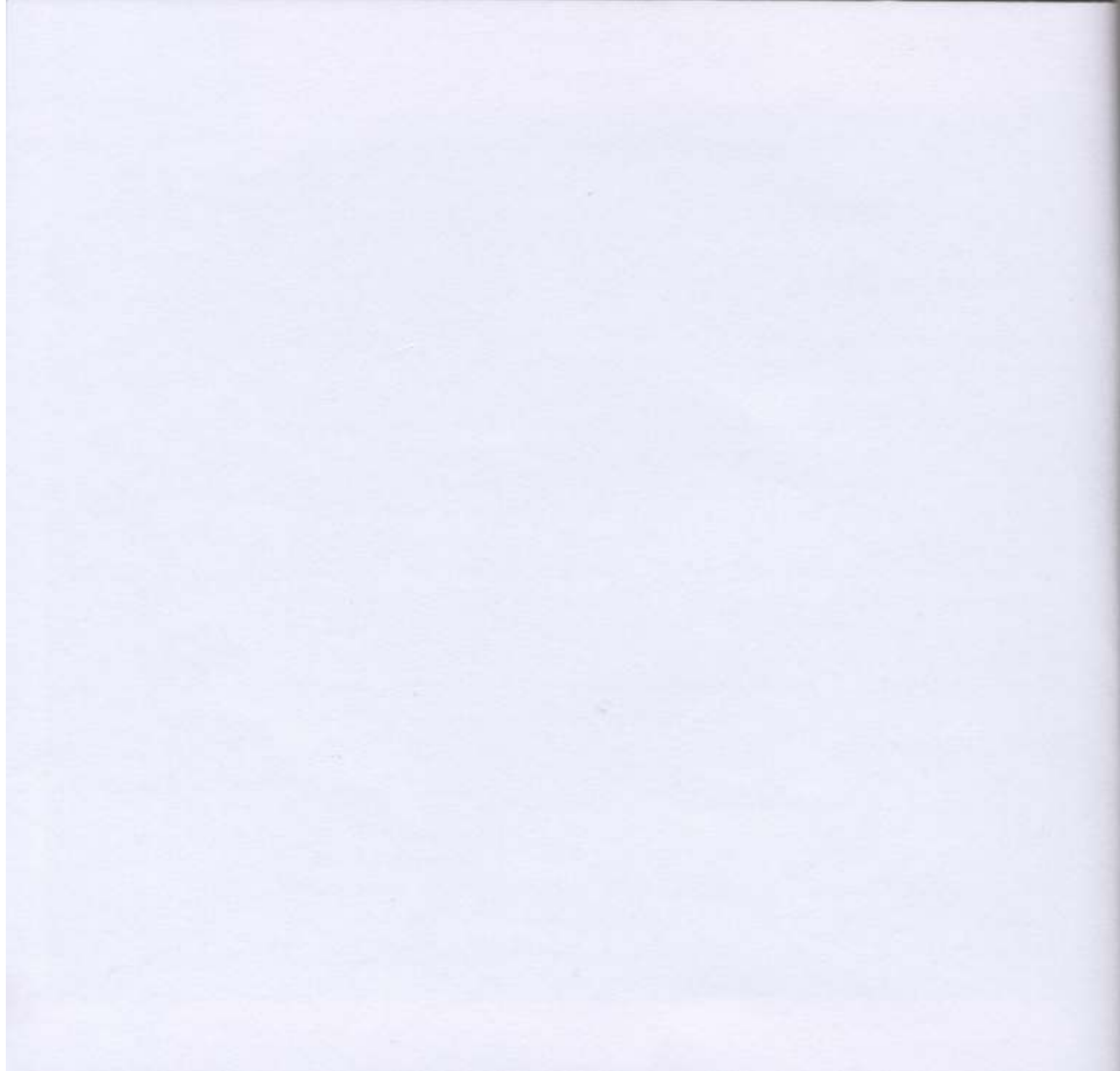


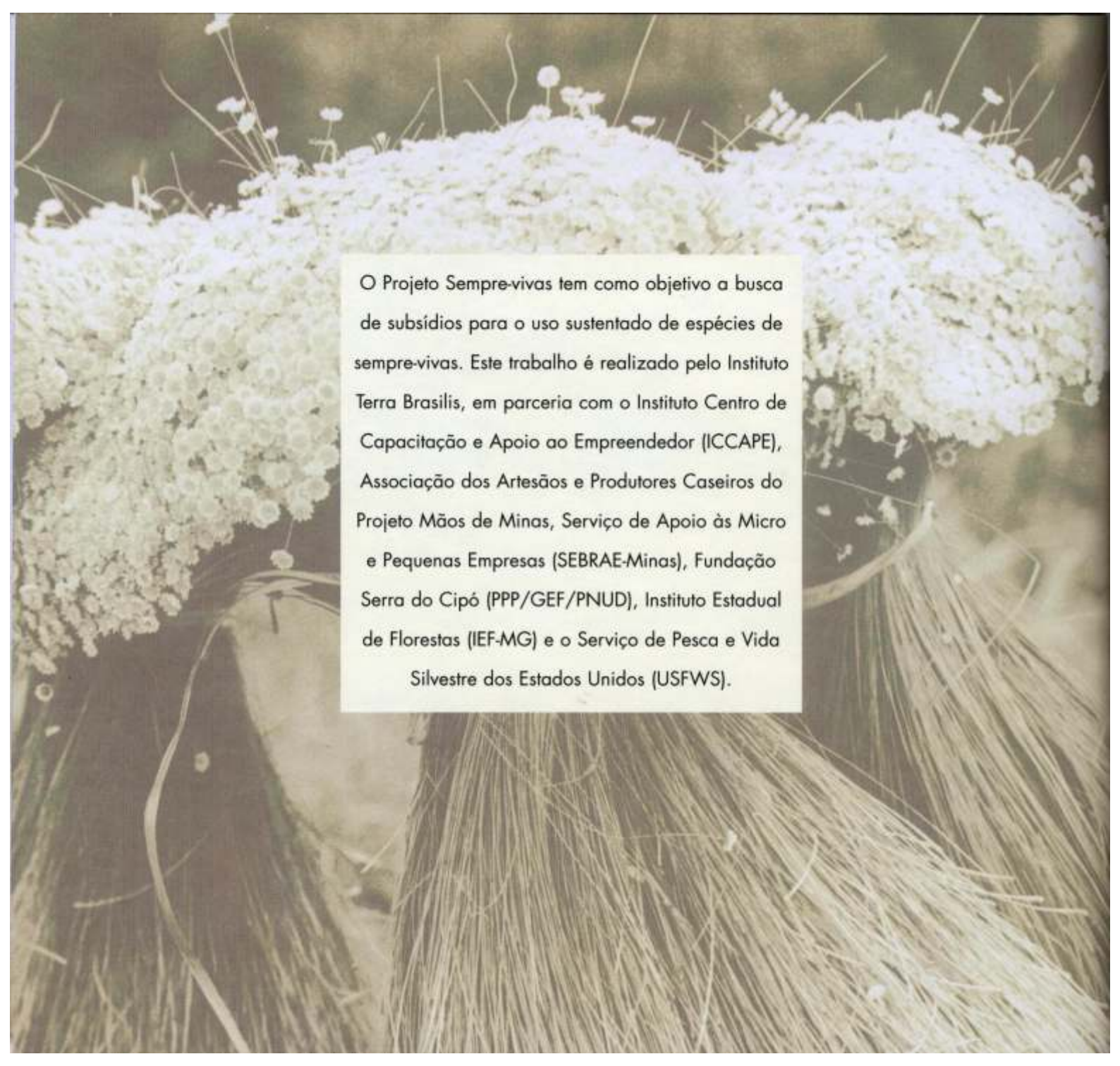
Hoje em dia, muitas pessoas preferem comprar produtos que respeitam a natureza e valorizam o trabalho das comunidades. O artesanato feito em Galheiros vai ter esta marca: produzido com o cuidado de não acabar com as plantas nos campos e beneficiando a própria comunidade.

Assim, fizemos um acordo: vamos, juntos, começar uma experiência com artesanato sem usar espécies ameaçadas de extinção como a pé-de-ouro e a vargeira, e sim produtos encontrados em maior quantidade nos campos próximos a Galheiros. O pessoal da comunidade irá coletar alguns produtos do campo que não são comercializados para que se possa experimentar fazer artesanato com eles, juntamente com o barro, a palha de milho, a fibra da bananeira e até o refugo de produtos comercializados, que são ótimos para esse trabalho. Ao mesmo tempo, o Instituto Terra Brasilis irá fazer, em conjunto com os pesquisadores locais da comunidade, um estudo técnico sobre as plantas a serem usadas no artesanato. Desta forma, todos ajudarão a conservá-las, aprendendo e respeitando como elas vivem. Assim, os netos de nossos netos terão as plantas no campo e quem quiser poderá ainda trabalhar com elas.

Se tudo der certo, pretendemos envolver outras comunidades na busca de soluções para esse grande problema social e ambiental associado ao extrativismo de sempre-vivas na região de Diamantina. E, assim como em Galheiros, cada comunidade poderá encontrar seus próprios caminhos, porque a força de cada uma está dentro dela mesma. Depende da vontade, da organização e do trabalho de todos.







O Projeto Sempre-vivas tem como objetivo a busca de subsídios para o uso sustentado de espécies de sempre-vivas. Este trabalho é realizado pelo Instituto Terra Brasilis, em parceria com o Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor (ICCAPE), Associação dos Artesãos e Produtores Caseiros do Projeto Mãos de Minas, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-Minas), Fundação Serra do Cipó (PPP/GEF/PNUD), Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) e o Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos (USFWS).